



CCB

21 E 22 JUN 25

VIAGEM A LISBOA O CLUBE

FESTIVAL TEMPS D'IMAGES

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada
2024/2025

Teatro
Black Box
Sábado, 19h00
Domingo, 17h00
M/16

Um espetáculo d'O Clube

Criação
Joana Cotrim e Rita Morais

A partir do texto original de
Isabela Figueiredo

Música original
Silk Nobre (Fernando Nobre)

Interpretação
Fernando Nobre
João Pedro Vaz
Joana Cotrim
Miguel Nunes
Mónica Garnel
Rita Morais

Desenho de luz
Ricardo Campos

Vídeo
Ricardo Reis

Edição vídeo *teaser*
Manuel Paula

Cenografia e figurinos
João Telmo

Assistência de cenografia e figurinos
João Amaral
Sílvia Costa

Confeção figurinos
Aldina Jesus Atelier

Guarda-roupa
Besta de Estilo

Produção
Patrícia Soares
Vera Soares

Comunicação
Mafalda Miranda Jacinto

Assessoria de imprensa
Bruna Kievel

Fotografia
Bruno Simão

Coprodução
A Oficina/Centro Cultural Vila Flor,
Teatro-Cine de Pombal

Apoios
Direção-Geral das Artes,
Câmara Municipal de Lisboa,
Festival Temps d'Images,
Polo Cultural das Gaivotas|Boavista

Viagem a Lisboa é um espetáculo de teatro que procura aprofundar, através de uma narrativa ficcional, o contexto histórico do passado familiar das artistas, a partir de um texto original de Isabela Figueiredo em diálogo com o álbum *Diz à Mãe que Está Tudo Bem*, do músico Silk Nobre.

Neste espetáculo-concerto, como nas obras de Isabela Figueiredo e de Silk Nobre, a família surge como contexto nuclear para abordar tensões sociopolíticas, como o colonialismo, o racismo e a experiência dos «retornados». A chegada a Lisboa de uma geração mais velha a fim de visitar os filhos constituirá o ponto de partida para o desenvolvimento dramatúrgico de duas linhas discursivas fundamentais: a história familiar e os conflitos geracionais, investigando as dinâmicas familiares, os silêncios, as dificuldades de comunicação e a passagem do tempo.

«São três irmãos, a viver em Lisboa: Rute (...), Francisco (...), Ana (...). E Lourenço, namorado de Ana (...), tem um restaurante chamado *A Fome É Negra*, que promete “uma viagem aos sabores, ritmos e alma moçambicana”. (...) Mas os pais estão a chegar, vêm do Porto fazer uma visita. Rute e Ana estão quase histéricas, Francisco tem saudades dos pais, Lourenço lembra que vão jantar todos no restaurante, vai ser bom. Quando os pais chegam, o ambiente fica ainda mais tenso (...). Acontece que são também retornados, vieram para Portugal muito novos, mas mesmo assim ficaram marcas que vêm agora ao de cima, e que explicitam tensões exacerbadas pelo facto de se passarem em família, e pelo facto de Lourenço, também retornado, ser mestiço — nascido em Moçambique de pais cabo-verdianos. Joana Cotrim e Rita Morais quiseram fazer um espectáculo sobre a colonização, a descolonização, os retornados, as discussões, os confrontos e as possibilidades ou impossibilidades de tecer diálogos percorridos por estes assuntos (...).»

João Carneiro *in Expresso*
(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

O processo

Viagem a Lisboa resulta da convergência entre a obra de Isabela Figueiredo e do álbum de Silk Nobre para convocar o tema da família numa perspetiva universal, com a particularidade de se tratar de uma família de «retornados», no propósito de refletir sobre o diálogo neste contexto.

A obra literária de Isabela Figueiredo, nomeadamente *Caderno de Memórias Coloniais*, imprime uma propriedade sobre o tema do «retorno» com incontornável impacto na família e na identidade. O rastro afetivo deixado pela obra de Isabela serviu-nos como impulso para aprofundar os temas em causa como uma espécie de necessidade de encarar feridas e temas velados.

O resultado de *Viagem a Lisboa* advém de um processo de residências artísticas com a escritora e os atores em constante confronto intertextual. Do texto final de Isabela Figueiredo, propomos uma adaptação e reescrita, em diálogo com os atores, e uma montagem cénica em colaboração constante com a equipa. No processo de construção dramatúrgica surge, simultaneamente, a vontade de incluir o álbum *Diz à Mãe que Está Tudo Bem*, de Silk Nobre, escrito e composto por Fernando Nobre, que integra o espetáculo como um *ready-made* que dialoga com os temas do «retorno», da família e da identidade, servindo o espetáculo como uma escultura viva que, tal como na obra de Isabela Figueiredo, recorre ao passado para situar o presente e fazer-nos descobrir e revelar uma história particular que é proporcionalmente universal.

Ponto de partida

Viagem a Lisboa foi, inicialmente, projetada para dar continuidade à pesquisa biográfica das criadoras — em particular no projeto *A Revolução Que Me Ensinaram* — e das suas histórias familiares, que refletem as tensões geopolíticas de uma parte da história recente de Portugal, convocando estórias de pendor biográfico, colocando-as em relação com a poética narrativa de Yasujiro Ozu, através de uma livre interpretação do seu filme *Viagem a Tóquio*. No caso de Rita Morais, investigar o período em que a sua família viveu em Angola e Moçambique, a sua chegada a Guimarães enquanto «retornados» e o complexo período que se seguiu em Portugal. No caso de Joana Cotrim, nascida no Brasil após a emigração familiar durante o PREC (Processo Revolucionário em Curso), indagar-se das mesmas tensões, acerca das diferentes interpretações sobre a revolução de 1974.

Deste desejo inicial, manteve-se a vontade de encarar a família como lugar impulsionador do choque geracional, emocional e intelectual que estes assuntos sugerem, e a impossibilidade de, por um lado, aceder ao trauma de uma outra geração, por outro, repetir os padrões de pensamento desta. De Ozu, mantivemos a chegada a Lisboa de uma geração mais velha, a fim de visitar a geração mais nova, enquanto ponto de partida para o desenvolvimento dramático do espetáculo, mas rapidamente nos apropriámos daquilo que realmente nos inquietava e tirava o sono.

Não alcançámos a utopia das respostas e da conciliação, antes surgiram novas questões e a convicta vontade de continuar o diálogo intergeracional e desenterrar o nosso violento passado colonial.

O Clube

O Clube é uma estrutura artística de teatro, constituída por Joana Cotrim e Rita Morais. Nasce do encontro de três artistas em 2018, Joana Cotrim, Rita Morais e Ana Sampaio e Maia, depois da aprendizagem e da experiência artística adquirida nos coletivos SillySeason e Pato Bravo, fruto da vontade de continuar o trabalho coletivo. O Clube nasce da vontade de desenvolver um diálogo constante entre artistas, na tentativa de aprofundar conhecimentos pela troca e partilha através de uma coesa colaboração, que tanto passa pelo apoio regular das forças de produção, como também por um olhar artístico atento e de constante questionamento, diálogo e crítica. Vemos neste encontro a possibilidade de continuar a crescer enquanto artistas, numa aposta convicta de contribuição para o panorama artístico nacional, que implique uma reflexão articulada, mas também numa

exposição de um rasgo através de desejos e vontades artísticas num agenciamento responsável com a sociedade.

Pretendemos dar continuidade ao trabalho que cada uma das artistas envolvidas tem vindo a desenvolver, de forma a aperfeiçoar a sua pesquisa através da sua experiência performática. Pretendemos, juntas, arriscar nas formas artísticas, assumindo a novidade do erro enquanto construção e aprendizagem, erro esse que consideramos imprescindível para nos renovarmos e fomentar o pensamento e a reflexão através da construção de projetos artísticos e teatrais que põem em prática temas transversais à sociedade e que nos são urgentes.

O Clube surge então como uma estrutura, ancorada numa ideia de renovação e dinamização artística, fortalecida pela confluência dos diferentes percursos das suas fundadoras.

© Rita Carmo



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!

ccb.pt/newsletter

JÁ A SEGUIR

FESTIVAL DE ALMADA – TEATRO

AS AVES
MALA VOADORA + COMÉDIAS DO MINHO

As Aves é uma comédia clássica de Aristófanes, que, apesar de ter ficado em segundo lugar na competição dionisiaca, é considerada a sua obra-prima. A peça critica os «males de Atenas» e narra como Pistetero persuade as aves a construir uma cidade no céu, que rivaliza e vence o Olimpo, tornando-se ele próprio a divindade suprema. A obra é rica em elementos musicais e dança, explorando a imitação das aves. A mala voadora e as Comédias do Minho trazem esta peça à cena, investigando as suas oportunidades teatrais e alegóricas, especulando entre fábula, comentário político e a utopia de um novo mundo.

9 A 13 JUNHO 2025

Quarta a Sexta, 20h00

Sábado, 19h00

Domingo, 17h00

Pequeno Auditório

M/12

Coprodução **mala voadora**, **Comédias do Minho**,
Centro Cultural de Belém, **Centro Cultural de Lagos**

COPRODUÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025

